



ENTRE A DIMENSÃO FORMAL E INFORMAL DO APRENDIZADO: A ESCRITA DE SI COMO DISPOSITIVO DE FORMAÇÃO NO CONTEXTO UNIVERSITÁRIO

ENTRE LAS DIMENSIONES FORMAL E INFORMAL DEL APRENDIZAJE: LA ESCRITURA DEL YO COMO DISPOSITIVO DE FORMACIÓN EN EL CONTEXTO UNIVERSITARIO

BETWEEN THE FORMAL AND INFORMAL DIMENSIONS OF LEARNING: SELF-WRITING AS A TRAINING DEVICE IN THE UNIVERSITY CONTEXT

Anne-Sophie JURION¹
Camila Aloisio ALVES²

RESUMO: O presente artigo apresenta os resultados de um trabalho de produção narrativa reflexiva, realizado com estudantes do segundo ano de graduação do curso de ciências da educação, de uma universidade pública parisiense. Este trabalho foi realizado entre os anos de 2016 a 2018, no escopo do curso “redação de textos”, cujo objetivo é melhorar a capacidade de escrita dos estudantes face a certas dificuldades e bloqueios identificadas nos mesmos. Para tanto, foi implantado um dispositivo nomeado de diário “exterior-pessoal”, cuja função era servir de suporte aos alunos para exploração do cotidiano de suas vidas através de registros narrativos regulares ao longo dos meses de duração do curso. A partir de um trabalho de análise de conteúdo dos registros dos jornais, foi possível compreender as dificuldades vividas pelos alunos, as estratégias de apropriação do diário e os efeitos positivos do mesmo nos processos de formação formal e informal vivido na universidade.

PALAVRAS-CHAVE: Narração. Experiência. Escrita de si. Aprendizagem experiencial.

RESUMEN: Este artículo presenta los resultados de un trabajo de producción narrativa reflexiva, realizado con estudiantes de segundo año del curso de ciencias de la educación, de una universidad pública parisina. Este trabajo se llevó a cabo entre los años 2016 a 2018, en el ámbito de la asignatura "escritura de textos", cuyo objetivo es mejorar la capacidad de escritura de los alumnos ante ciertas dificultades y bloqueos identificados en ellos. Para ello, se implementó un dispositivo denominado diario "exterior-personal", cuya función era servir de soporte para que los alumnos exploraran la cotidianidad de sus vidas a través de registros narrativos regulares a lo largo de los meses del curso. A partir de un análisis de contenido de los registros del diario, fue posible comprender las dificultades experimentadas por los estudiantes, las estrategias de apropiación del diario y sus efectos positivos en los procesos de formación formal e informal vividos en la universidad.

¹ Université Sorbonne Paris Nord (UNIV-PARIS13), Paris – França. Mestre pelo programa MERFACNAM - Paris Sorbonne Nord. Coach-formadora com especialização em softologia (IFS/Paris/França). ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5819-7916>. E-mail: annesophie_jurion@hotmail.com

² Faculdade de Medicina de Petrópolis (UNIFASE), Petrópolis – RJ – Brasil. Professora Adjunta Pós-Doutora em Ciências da Educação pela Université Sorbonne Paris Nord, Centre de recherche Experice. Doutora em Ciências da Saúde pelo Instituto Nacional de Saúde da Mulher, Criança e Adolescente Fernandes Figueira (IFF/Fiocruz). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3477-0367>. E-mail: camila.aloisioalves@gmail.com





PALABRAS CLAVE: *Narración. Experiencia. Escritura del yo. Aprendizaje experimental.*

ABSTRACT: *The present article presents the results of a reflective narrative production work, carried out with second-year undergraduate students of the educational sciences course, of a Parisian public university. This work was carried out between the years 2016 to 2018, in the scope of the course "text writing", whose aim is to improve the students' writing skills in the face of certain difficulties and blockages identified in them. To this end, a device named "outside-personal" journal was implemented, whose function was to serve as a support for students to explore the daily life of their lives through regular narrative records throughout the months of the course. From a content analysis of the journal records, it was possible to understand the difficulties experienced by the students, the strategies of appropriation of the journal and its positive effects on the formal and informal formation processes experienced at the university.*

KEYWORDS: *Narration. Experience. Writing of self. Experiential learning.*

Introdução

O presente artigo tem como objetivo apresentar os resultados de um trabalho de produção narrativa reflexiva, realizado com estudantes do segundo ano de graduação do curso de ciências da educação, de uma universidade pública parisiense. O referido trabalho foi desenvolvido no escopo de um curso intitulado “redação de textos”, realizado entre os anos de 2016 a 2018, cujo objetivo é melhorar a capacidade de escrita dos estudantes tendo em vista a identificação de certas dificuldades e bloqueios dos estudantes, relacionados ao sentimento de “não saber escrever” e, sobretudo, ao “medo de escrever”. Entendemos que a transformação das exigências acerca do exercício da escrita na universidade coloca a escrita de si e a dimensão do sensível (RANCIÈRE, 2000) “adormecidas” (BAILLY, 2011). Nossa hipótese, portanto, era de que esse medo estava, em parte, relacionado ao processo de socialização às normas institucionais (implícitas ou explícitas), pelo qual passam os estudantes e que orientam o aprendizado de um estilo específico de escrita acadêmica da disciplina em que se está inscrito.

A fim de ajudar os estudantes a recuperar a sua autoconfiança, de levá-los a compreender a dimensão biográfica que a escrita tem e de despertar neles o interesse em praticá-la, foi integrado ao curso um exercício de escrita cotidiano através do uso de um diário que denominados de “exterior-pessoal”. Esta denominação deve-se ao contraponto que fizemos com a ideia do diário íntimo, caracterizado igualmente pela escrita cotidiana, que faz emergir uma identidade de caráter autor-narrador-principal direcionada para a vida privada do autor sem, contudo, ter a intenção de partilha ou publicação (CHIANTARETTO, 1998). Já o diário “exterior-pessoal”, concebido pela disciplina, destinou-se a ser partilhado. Não foi, portanto,





concebido como escrita intimista apenas, mas como uma escrita de si destinada ao outro e a si mesmo. (HESS, 1998, p. 135). Nesse sentido, estabelecemos como segunda hipótese que a inclusão dessa escrita biográfica auto, heterobiográfica e ecobiográfica (BRAGANÇA, 2011) ao longo da formação universitária permite lançar luz sobre as “transformações silenciosas” (JULLIEN, 2010) que se passam na vida dos estudantes, através das quais eles se formam e constroem suas trajetórias de vida.

Entre essas duas formas de escrita, chamadas de “acadêmica” e “pessoal” cria-se uma lacuna (JULLIEN, 2012) na qual se abre um espaço para a reflexividade: um intermediário, propício para o surgimento do pensamento. De fato, a brecha se torna fértil ao colocar em tensão o que inicialmente separava. Então, perguntamo-nos: de que forma a abertura de um espaço para prática de uma escrita de si, no interior de um currículo universitário, permite significar o curso de uma vida e construir um sentido particular à experiência de formação? De que forma a exploração e exploração deste “intermediário”, por meio da escrita implicada consigo mesmo, desencadeia processos e perspectivas de autotransformação?

Com base na terceira hipótese de que a experiência humana é apreendida através de formulações narrativas (DELORY-MOMBERGER, 2014), nossa reflexão baseia-se primeiramente na análise e interpretação tanto dos diários pessoais, que foram escritos diariamente durante os meses de duração do curso, quanto dos relatórios escritos no final da experiência pelos estudantes que participaram dessas oficinas diárias de redação. Através dessas atividades biográficas e reflexivas, procuramos entender, por um lado, como os estudantes tecem as relações entre sua formação e todas as ocupações e preocupações que os mobilizam em sua vida cotidiana. Por outro lado, procuramos captar as transformações geradas pela escrita pessoal implicada. Assim, nosso centro de interesse voltou-se tanto para a “aprendizagem da vida - na vida”, quanto para os processos de construção da experiência em sua dimensão narrativa.

Metodologia

Desenvolvimento do trabalho pelos estudantes

Ao longo dos anos de 2016 a 2018, a abertura do curso de “redação de textos” contava, além da apresentação dos seus aspectos formais (objetivos, referências bibliográficas, cronograma e forma de avaliação), com a introdução do diário pessoal como dispositivo de escrita e reflexão. A instrução passada aos alunos era de incorporar o diário “exterior-pessoal” ao cotidiano, através de uma escrita regular e contínua ao longo dos meses. O conteúdo era livre





e o estudante poderia escolher o que quisesse como tema a cada dia. Era facultado aos alunos escolherem se o diário seria escrito à mão ou digitado. Seja através de uma ou outra, os estudantes deveriam confrontar-se regularmente com a página em branco a fim de desdramatizar a situação de medo, limitando gradativamente os bloqueios ligados à escrita.

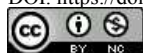
Os alunos foram informados que o conteúdo dos seus jornais seria lido pelas professoras, mas que o mesmo não seria passível de notação. O objetivo do diário era demonstrar aos alunos os benefícios da escrita, destacando a atividade reflexiva que o mesmo poderia gerar. O único elemento que foi objeto de avaliação foi o relatório da atividade, escrito ao final da atividade, cujo objetivo era fazer um balanço reflexivo sobre a prática e seus efeitos. Para tanto, os estudantes tiveram que reler os seus diários, escrever um relatório explicando a abordagem de escrita adotada e as suas reações à sua escrita diária. Foram dadas como perguntas norteadoras seguintes questões: Como utilizei o diário? Que tipo de questões surgiram? O que é que escrever e reler o diário me trouxe?

A análise do exercício de escrita

O trabalho de análise empreendido com os diários dos alunos seguiu o mesmo processo ao longo dos anos de vigência da disciplina (2016 a 2018). Contudo, os resultados que serão apresentados neste artigo concentram-se sobre o grupo do terceiro ano (2018), a fim de trazer as contribuições mais recentes do trabalho.

A investigação conduzida foi realizada a partir da abordagem qualitativa da análise de conteúdo (BARDIN, 1977). Inicialmente, tínhamos 28 diários em nossa posse. O trabalho analítico dividiu-se em etapas. Inicialmente foi feita leitura para identificar os principais aspectos que chamaram a nossa atenção. Esta primeira leitura permitiu-nos conhecer os temas abordados pelos estudantes, as suas formas de escrever e de utilizar o diário (tanto como um exercício necessário, quanto como uma ferramenta introspectiva). Após essa etapa, identificamos que os estudantes se apropriaram do diário de forma diferente, individual e pessoal do processo de escrita. No entanto, observamos certas recorrências e uma evolução da escrita em cada estudante, na medida em que as semanas de prática passaram.

Com base nesse trabalho inicial, selecionamos, por consenso, 12 diários. O corpus foi escolhido de acordo com os seguintes critérios: apropriação do diário, temas abordados, esforço de reflexão sobre acontecimentos cotidianos. Assim, os jornais que não envolveram uma apropriação do instrumento como meio de reflexão e introspecção foram retirados da investigação.





A segunda etapa do trabalho foi dedicada à análise de conteúdos e, para tanto, as categorias que emergiram foram agrupadas e organizadas em uma tabela, com o uso do programa Excel. Nesta tabela também foram incluídos os trechos dos registros escritos dos estudantes, caracterizando e ilustrando cada categoria analítica. Os resultados desta fase do trabalho deram-nos a oportunidade de compreender melhor o diário como um instrumento para analisar as experiências das trajetórias individuais, profissionais e de formação dos estudantes durante a graduação.

O passo seguinte foi dedicado à interpretação através da articulação das categorias. Considerando a escrita como uma expressão narrativa e um meio por meio do qual as experiências tomam forma (DELORY-MOMBERGER, 2014), procedemos a uma leitura transversal dos diários a fim de explorar a realidade social e cultural dos estudantes. Olhando tanto para as categorias, quanto para as suas articulações, fomos capazes de compreender as questões centrais que atravessaram a trajetória dos estudantes no momento de escrever no diário. De acordo com a pesquisa biográfica, códigos, repertórios, figuras de discurso e esquemas de ação contribuem para compreender como cada indivíduo se inscreve no mundo social e representa a sua vida (DELORY-MOMBERGER, 2014). Assim, entendemos que durante o período de escrita do diário, os estudantes puderam dar forma às suas experiências, evocando a sua relação com o mundo e organizando os vários eventos que atravessaram os seus cotidianos. O nosso trabalho de interpretação procurou, dessa forma, captar a sucessão de acontecimentos e as várias estratégias postas em prática pelos estudantes a fim de compreender os processos de biografização (DELORY-MOMBERGER, 2014) que se deram durante o período de formação.

Uma fase final de trabalho consistiu na análise dos relatórios dos estudantes. Esta etapa foi importante porque nos permitiu estabelecer uma articulação com a análise da progressão da escrita ao longo das semanas. Por meio dos relatórios foi possível apreender melhor a visão que os alunos tiveram deles mesmos no curso das suas evoluções, entre o início e o fim da escrita. Ao incluir esta análise pudemos também encontrar as dimensões formativas da escrita do diário.

Os resultados a seguir concentram-se no processo de escrita dos diários, na apropriação do mesmo, nas estratégias postas em prática pelos estudantes para facilitar a escrita, a fim de refletir sobre as noções de implicação, caminho e trajetória.



Resultados

Apropriação do jornal e a relação com a escrita

Um começo difícil...

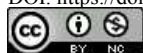
Para muitos estudantes, o início da escrita no diário foi marcado por um sentimento de incerteza e ansiedade. Desde as primeiras páginas, frases como “*esta é a primeira vez que faço este tipo de trabalho*” alertam o leitor para a natureza inovadora deste processo formativo. De fato, para a maioria dos estudantes, esta foi a primeira vez que um trabalho tão amplo, que lhes permitiu expressar em palavras as suas experiências e preocupações, foi proposto na universidade. Alguns estudantes descrevem este exercício como sendo “um teste bastante complicado” e questionam a sua capacidade de responder a uma tal tarefa.

Estratégias postas em prática

No entanto, a fim de superar essas dificuldades, notamos que alguns estudantes colocaram em prática algumas estratégias para fazer evoluir o processo de escrita. Os jornais tornam-se verdadeiros desafios para alguns. Outros fizeram certas escolhas relacionadas ao ritmo e ao momento de escrita, usando as primeiras folhas do diário para explicar como irão proceder ao longo de todo o período do curso. Por exemplo, uma estudante explicou que, devido à sua dificuldade em expressar-se, decidiu escrever o seu diário duas vezes por semana. Outros optam por entrar em um processo de personificação dos seus diários, dando a eles nomes. Neste caso, o diário é apresentado como um indivíduo e ocupa um lugar de terceiro agente, situando-se entre o aluno e o professor e entre o aluno e o mundo exterior.

A importância de analisar a própria relação com a escrita

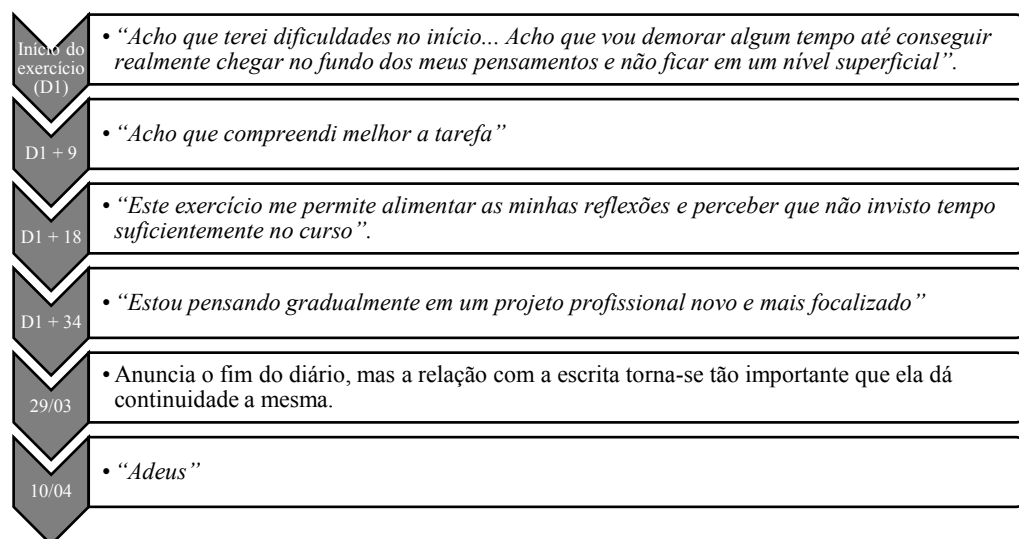
Muitos dos estudantes usaram o diário para expressar também uma análise pessoal sobre o próprio progresso diante do exercício. Trata-se de uma análise da própria atitude em relação ao diário e à escrita. Este processo evolutivo pode ser ilustrado pelas palavras de uma estudante que iniciou o seu diário perguntando-se se teria sucesso em escrever: “Acho que terei dificuldades no início... Acho que vou demorar algum tempo até conseguir realmente chegar no fundo dos meus pensamentos e não ficar em um nível superficial”. Após nove dias de escrita, esta estudante salta de registros de uma frase a parágrafos mais longos, destacando os pensamentos iniciais. É perceptível que ela começa a perceber o diário como um instrumento de reflexão, sentindo-se cada vez mais à vontade para escrever: “Acho que compreendi melhor





a tarefa”. No décimo oitavo dia, ela faz uma comparação entre as primeiras páginas do diário e a página do dia. A conclusão anuncia “este exercício me permite alimentar as minhas reflexões e perceber que não invisto tempo suficientemente no curso”. No trigésimo quarto dia de escrita, a estudante escreve: “Estou pensando gradualmente em um projeto profissional novo e mais focalizado”. É visível que a relação com o diário progrediu através das perguntas que a estudante foi se fazendo sobre a sua relação com a vida, o que repercute com um novo plano de carreira que foi ganhando forma. A ligação com o diário torna-se tão importante que no dia 29 de março, a estudante anuncia o fim do diário, mas ela continua a escrever até a data de 10 de abril, data limite do exercício, despedindo-se do seu diário “adeus”.

Figura 1 – Resumo do processo de apropriação da revista de um estudante



Fonte: Elaborado pelas autoras

Definições e interrogações sobre implicação e escrita de si

Implicação e engajamento

Pudemos observar que a maioria dos estudantes se apropriou gradualmente do diário. Esta apropriação pode ser ilustrada pela inclusão de mais conteúdos e temas que foram gradativamente abordados, pelos traços pessoais (desenhos, fotografias) que foram deixados ao longo das páginas, pela personificação do diário, que ganhou nome próprio para alguns estudantes. Esse conjunto de constatações, permite-nos defender os benefícios da escrita de si engajada com o outro.



Quadro 1 – Seleção de trechos dos jornais: da apropriação a implicação

Estudante	Traços de apropriação do diário	Traços de implicação com a escrita
AI	“Eu escrevo e minhas amigas me questionam sobre o que escrevo, por que eu escrevo? Elas acham que o que eu faço é falso e inútil e eu explico para elas que este também foi meu ponto de partida, mas é principalmente uma ideia antiga percebida do jornal!”.	“Depois de várias semanas, comecei a achar mais fácil escrever, pegar uma caneta, um papel e escrever o que me vinha à cabeça. [...] No início, comecei a escrever à noite em casa [...] depois, muito rapidamente, comecei a escrever a qualquer momento, [...] mesmo fora de casa, me pego escrevendo nas anotações no meu telefone. O diário me seguia mesmo quando eu saí de férias”.
BI	“Não sou alguém que tem por costume de externalizar meus pensamentos, mas acho que este trabalho me permitirá fazer isso e me ajudará a me questionar mais e colocar estes pensamentos no papel... é uma coisa boa”.	“Assim que comecei a entender o propósito deste exercício, gostei de escrever. Eu ainda não estava na fase de levar meu diário comigo para todos os lugares, mas pouco a pouco, cada vez que alguma coisa surgia, eu pensava logo que seria interessante escrever nele quando chegasse em casa, e foi o que eu fiz”.
DH	“Eu sempre fui o tipo de pessoa que faz muitas perguntas, mas ao escrevê-las, acho que posso ter algumas respostas sobre mim mesmo”.	"Meu diário vai comigo onde quer que eu vá, é um teste para mim. [...] Embora esta tarefa tenha sido muito complicada, acho que ela me permitiu tentar colocar em palavras o que penso, o que continuarei a fazer”.
TS	"Hoje eu não tenho uma aula. Eu realmente queria escrever. Sempre quis escrever, especialmente quando me sinto triste, isso me acalma, me consola, me permite me expressar”.	“Com o passar do tempo, comecei a escrever diariamente. Me acostumei a isso. [...] Quando escrevemos algo, podemos repensar na ação que se relaciona com isso e ajuda a ter uma outra visão das coisas”.

Fonte: Elaborado pelas autoras

A progressão da apropriação da escrita coloca em relevo as noções de engajamento e implicação. De fato, quando as instruções foram dadas, os estudantes engajaram-se no trabalho, procurando dar um sentido para a prática. Perguntas no início do processo de escrita, tais como: “O que tenho de escrever? O que é que eu ganho com isso? Como devo fazer este exercício?”, tornam visíveis os traços de um exercício de compreensão por parte dos estudantes, relacionado a participação na atividade, o que Bellelle (2014), descreve como engajamento. Nesse sentido, o engajamento diz respeito a uma busca de sentido para algo que se faz, que envolve um esforço para elucidar o que está sendo feito. Uma vez que este processo se situa entre o excesso de engajamento e o desengajamento, os registros analisados mostram que os estudantes não permanecem nem na falta de investimento (desengajamento) nem na total adesão à atividade (excesso de engajamento), uma vez que a atividade lhes pareceu complicada no início. Manter a escrita, apesar das dificuldades, e ver o seu progresso ao longo do tempo levou os estudantes a buscar pelo encontro tanto de um tempo (dimensão de ajuste cronológico para a execução da atividade), quanto de um lugar (dimensão do investimento em um espaço que toma forma através do diário) para a escrita cotidiana. Esse processo situado, inicialmente, no exterior do indivíduo repercute e enraíza-se no seu interior, transformando o espaço-tempo para a atividade





em um espaço-tempo para si, preenchido de um sentido próprio ao estudante. A partir deste aspecto, podemos compreender que os estudantes passam do engajamento para a implicação, entendida como um compromisso intenso, “um compromisso de todo o indivíduo” (LE BRETON, 2010, p. 373).

Esse espaço-tempo para si a partir da ideia de “totalidade”, evocada por Le Breton (2010), mostra-se precípuo nos dias atuais, nos quais a vida em sociedade vê-se imersa em um processo constante de aceleração (ROSA, 2013). É importante lembrar que “a vida humana, a experiência humana não pode ser cortada e compartimentada em espaços autônomos e temporalidades impermeáveis uns aos outros” (DELORY-MOMBERGER, 2014, p. 132). A escrita através do diário “exterior-pessoal” pode ser considerada como um momento para encorajar uma forma de questionamento implicado: O que estou a fazer aqui? Por que esta área? Qual relação eu estabeleço entre as esferas da minha vida? O diário mostra-se, com isso, uma ferramenta que os estudantes podem continuar a utilizar e que, futuramente, lhes servirão como espaço-tempo de reflexão sobre implicações profissionais.

Não se pode falar de implicação sem apontar para um paradoxo que a atravessa na contemporaneidade, pois, por vezes, a implicação pode ser considerada a causa de esgotamento no trabalho (MORROW, 1983), a implicação também pode ser vista como uma “fonte de motivação, de autoeficácia e, em última análise, bem-estar, tanto físico como psicológico” (TRUCHOT, 2006, p. 313). Ao escrever no diário, os estudantes praticam um exercício de ir e vir entre o agir nos diferentes espaços da vida e o refletir sobre o que se faz, como se faz e como se sente ao fazer, interrogando as formas de implicação (BELLELLE, 2014). Esse movimento mostra-se importante com vistas a evitar os riscos de uma implicação excessiva (PAILOT, 1996), especialmente nas áreas que conduzem os estudantes a se formarem em áreas nas quais a implicação relacional com os outros está fortemente presente (formação, acompanhamento e cuidados em saúde).

Por caracterizar-se por um trabalho individual e pessoal, a escrita de um diário “exterior-pessoal” permite colocar em perspectiva aspectos ligados ao pertencimento, a crenças e ao desenvolvimento de competências. Segundo Le Breton, (2015, p. 14):

Em uma sociedade onde se impõe flexibilidade, urgência, rapidez, competição e eficiência [...] é preciso, a todo tempo, colocar-se sempre no mundo, adaptar-se às circunstâncias, assumir a sua autonomia, manter-se no topo das coisas...[onde] é preciso construir-se permanentemente, permanecer mobilizado, dar sentido à sua vida, sustentar as suas ações com valores.



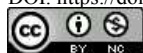
Assim, acompanhar a escrita é também uma forma de negociar o ritmo de vida entre a aceleração e a desaceleração (ROSA, 2013). Ao negociar as suas implicações e engajamentos, o indivíduo pode gerenciar os seus ritmos de vida sob uma perspectiva de unidade, com uma visão de si enquanto ser indivisível.

Trajatória de vida e experiência

Um outro aspecto que os resultados mostraram diz respeito as interrogações que os estudantes manifestam acerca do futuro: se devem continuar os seus estudos ou entrar no mercado de trabalho, o que evidencia o início de novos capítulos em suas vidas. Os elementos identificados a esse respeito apontam para os dilemas que emergem do engajamento profissional, ora entendido como um meio de seguir uma vocação, ora circunscrito às oportunidades oferecidas pelo mercado de trabalho.

Entendemos que esse dilema nasce bem antes do momento em que encontramos com os estudantes. Ele começa a tomar forma no final da adolescência, momento em que o sistema educativo impõe uma escolha de orientação e, com base nesta escolha, propõe profissões. Uma vez definida a rota, o caminho está automaticamente traçado, e que cabe ao estudante apenas segui-lo para alcançar seu objetivo de tornar-se “profissional” de um campo do conhecimento. Perceber o caminho da própria vida desta forma é dividir a própria existência em fatias compartimentadas e impermeáveis: em percursos. De fato, não sem relação com o determinismo social, um percurso pode ser definido como “o conjunto de posições objetivamente ocupadas e subjetivamente experimentadas em diferentes fases sociais por um indivíduo ao longo do tempo” (DUBAR, 1998, p. 77). Neste processo, há momentos de mudança, de reorientação e transição, durante os quais as estruturas da existência são transformadas, a partir de uma dinâmica de adaptação (DELORY-MOMBERGER, 2009). As nossas experiências convidam-nos a descobertas, hesitações, dúvidas, certezas, etc., tanto em momentos de aceleração como de desaceleração. São estas linhas 'experimentais' que darão um esboço, uma forma, uma expressão à identidade profissional. Compreende-se então que a vida não é uma acumulação de experiências compartimentadas, mas sim um entrelaçamento de momentos de continuidade, descontinuidade, diálogo entre diferentes dimensões da vida, de ligação e tensão entre várias temporalidades da existência: é uma trajetória.

Segundo Delory-Momberger (2009, p. 19), “a trajetória é, portanto, um lugar de tensão entre o desenrolar da existência e a capacidade do indivíduo de agir sobre a sua vida e sobre as determinações que pesam sobre ela”. Embora o exercício de escrita nos diários não tivesse





como objetivo colocar os estudantes frente a frente com as suas trajetórias de vida, o fato de terem mergulhado nas suas vidas cotidianas e de terem tido tempo para refletir sobre os seus pensamentos e ações, levou os estudantes a construir uma ligação entre os acontecimentos que consideravam importantes e a forma como foram elaborados.

O tempo da escrita abriu um espaço para os estudantes olhar com distanciamento para as suas vidas, o que lhes deu a oportunidade de sintetizar as suas experiências e de se posicionarem tanto como professor, como como aprendiz de si mesmo. Assim, a ação de escrever segundo uma temporalidade social, cultural e histórica coloca em perspectiva o trabalho permanente que se faz entre a aprendizagem ao longo da vida e as construções biográficas (DELORY-MOMBERGER, 2009).

Quer fosse na escrita diária ou no momento da redação do relatório, ao final da atividade, os estudantes desenvolveram um trabalho biográfico ancorado em um espaço-tempo que permitiu explorar diferentes dimensões das suas vidas. O fato de este exercício convidar à exploração do dia-a-dia como um todo, se assim o quisessem, desencadeou um processo de apropriação da diversidade que se inscreve nas trajetórias de vida de cada um, o que nos permite compreender que a identidade profissional de um estudante é progressivamente construída, seja através das questões ordinárias ou extraordinárias que atravessam o cotidiano.

Parece essencial propor tal trabalho na universidade, sobretudo no momento em que os estudantes são conduzidos a definirem as especializações. Valorizar as dimensões dos aprendizados formais e informais significa ir contra o movimento linear, previsível e observável atrelado a noção de percurso de formação, trazendo à tona a complexidade e a multidimensionalidade (GUILLAUME, 2005) que o pensamento sobre a existência exige.

O diário ofereceu aos estudantes a oportunidade de refletir sobre o seu curso de suas vidas e os convidou “transformar o que a experiência de vida parece trazer 'por acaso' em experiência adquirida” (DELORY-MOMBERGER, 2014, p. 137), para que aprendam mais sobre si próprios e possam construir os seus projetos e identidades profissionais com mais serenidade.

Por fim, através da atividade de redação do relatório os estudantes puderam olhar para o conjunto da experiência vivida e erigir novas percepções sobre a tarefa, enxergando a si próprios no centro de um processo de transformação e evolução. Para além dos aspectos já abordados sobre a complexidade da tarefa de escrita e a dificuldade de colocar as ideias no papel, a totalidade dos estudantes evocou os benefícios da escrita no diário e puderam se ver de formas diferentes e capazes de: escrever na universidade sem ser julgado; compreender melhor





as suas formas de pensar, de perceber as coisas e de observar as suas mudanças de pontos de vistas; descobrir o prazer de escrever; sentir as coisas importantes à sua volta

Conclusão

Em guisa de conclusão, foi possível compreender que o exercício de escrita, enquanto atividade de formação, permitiu aos estudantes encontrar um espaço-tempo propício a dar forma às suas experiências ao longo da formação universitária, especialmente durante a disciplina “redação de textos”. A atividade tomou corpo em suas vidas e paulatinamente eles foram traduzindo o significado da atividade apresentado na abertura do curso em sentido pessoal no curso da sua trajetória de vida. O exercício de escrita envolveu os estudantes em um processo reflexivo e transformativo das experiências vividas em experiências adquiridas. Esse espaço de expressão biográfica, diferente de outros espaços de escrita tradicionalmente oferecidos na universidade, posiciona o estudante em um processo de descompartimentação das esferas da vida, permitindo-os criar ligações entre as suas diferentes experiências e convidando-os a pensar nos seus projetos profissionais como projetos da vida real.

Embora o exercício de escrita tenha sido experimentado de forma difícil e complicada, os relatórios finais mostraram que os estudantes conseguiram ultrapassar as dificuldades iniciais e que esta atividade pode favorecer a exploração da escrita como meio de autoconstrução ao longo da carreira universitária.

REFERÊNCIAS

BAILLY, J. C. **Le dépassement**. Voyages en France. Paris, Seuil, 2011.

BARDIN, L. **L'analyse de contenu**. Paris, PUF, 1977.

BELLELLE, S. Le journal : un atelier d'implication/transduction. **Pratiques de formation**, n. 62-63, p. 229-246, 2014.

BRAGANÇA, I. F. S. Sobre o conceito de formação na abordagem (auto)biográfica. **Educação**. v. 34, n. 2, 2011, p. 157-164.

CHIANTARETTO, J-F. **De l'acte autobiographique** : le psychanalyste et l'écriture auto biographique. Paris, Champ Vallon, 1998.

DELORY-MOMBERGER, C. **La Condition biographique**. Essais sur le récit de soi dans la modernité avancée. Paris, Téraèdre, 2009.





DELORY-MOMBERGER, C. **De la recherche biographique en éducation** : fondements, méthode et pratiques. Paris, Téraèdre, 2014.

DUBAR, C. Trajectoires sociales et formes identitaires. Clarifications conceptuelles et méthodologiques, **Société contemporaine**, n.29, p.73-85, 1998.

GUILLAUME, J-F. **Parcours de vie**. Regards croisés sur la construction des biographies contemporaines. Liège, Les Editions de l'Université de Liège, 2005.

HESS, R. **La pratique du journal**: l'enquête au quotidien. Paris, Anthropos, 1998.

JULLIEN, F. **Les transformations silencieuses**. Paris, Le livre de poche, 2010.

JULLIEN, F. **L'écart et l'entre**. Leçon inaugurale de la Chaire sur l'altérité. Paris, Galilée, 2012.

LE BRETON, D. Mauss et la naissance de la sociologie du corps. **Revue du MAUSS**, n. 36, p. 371-384.

LE BRETON, D. **Disparaître de soi**: Une tentation contemporaine. Paris, Métailié, 2015.

LOURAU, R. **Actes manqués de la recherche**. Paris, PUF, 1944.

MORROW, P-C. Concept redundancy on organizational research: the case of work commitment. **Academy of management review**, v. 8, p. 486-500, 1983.

PAILOT, P. **L'approche biographique**: une stratégie de recherche pour les sciences de gestion ? Lille, Les cahiers de la recherche, 1996.

RANCIÈRE J. **Le partage du sensible**. Paris, La Fabrique, 2000.

ROSA H. **Aliénation et accélération**: vers une théorie critique de la modernité tardive. Paris, La Découvert3, 2013.

TRUCHOT D. Exigences professionnelles et implication au travail : leur rôle dans l'émergence du burn-out. In: AKREMI, A.; GUERRERO, S.; NEVEU, J-P. (Dir). **Comportement organisationnel**. Bruxelles, De Boeck, 2006. v. 2, p. 313-334.



Como referenciar este artigo

JURION, A.-S.; ALVES, C. A. Entre a dimensão formal e informal do aprendizado: a escrita de si como dispositivo de formação no contexto universitário. **Rev. @mbienteeducação**, São Paulo, v. 14, n. 3, p. 731-744, set./dez. 2021. e-ISSN: 1982-8632. DOI: <https://doi.org/10.26843/v14.n3.2021.1121.p731-744>

Submetido em: 09/08/2021

Revisões requeridas: 13/10/2021

Aprovado em: 10/11/2021

Publicado em: 16/12/2021

